



Gestão & Regionalidade

ISSN: 1808-5792

revista.adm@uscs.edu.br

Universidade Municipal de São Caetano
do Sul
Brasil

de Souza Sant'anna, Anderson; Martins Diniz, Daniela; Bayma de Oliveira, Fátima
(RE)SIGNIFICANDO O ESPAÇO COMO CAPITAL: CONTRIBUIÇÕES DE ESTUDO
JUNTO À RUA SANTA JULIANA, SETE LAGOAS, MG
Gestão & Regionalidade, vol. 33, núm. 98, mayo-agosto, 2017, pp. 118-135
Universidade Municipal de São Caetano do Sul
Sao Caetano do Sul, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=133451196009>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal

Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

(RE)SIGNIFICANDO O ESPAÇO COMO CAPITAL: CONTRIBUIÇÕES DE ESTUDO JUNTO À RUA SANTA JULIANA, SETE LAGOAS, MG

(RE)SIGNIFYING SPACE AS CAPITAL: CONTRIBUTIONS FROM A STUDY ON SANTA JULIANA STREET, SETE LAGOAS, MINAS GERAIS, BRAZIL

Anderson de Souza Sant'anna

Professor do Programa de Mestrado Profissional em Administração da Fundação Dom Cabral, Belo Horizonte (MG), Brasil

Data de recebimento: 12-05-2016

Data de aceite: 13-12-2016

Daniela Martins Diniz

Doutoranda do Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Administração da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte (MG), Brasil

Fátima Bayma de Oliveira

Professora titular na Escola Brasileira de Administração Pública e de Empresas da Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro (RJ), Brasil

RESUMO

Tomando como referência abordagens de Bourdieu (2010) e Jacobs (2011), este artigo visa a investigar de que forma diferentes agentes sociais – empreendedores locais, especialmente – se articulam e mobilizam distintos capitais (econômicos, sociais, culturais, simbólicos e espaciais) tendo em vista a produção de dinâmicas socioespaciais de diversidade e vitalidade. Para tal, foi conduzida pesquisa inspirada na TFD, em inglês *Grounded Theory*, envolvendo 41 entrevistas junto a atores inseridos na dinâmica de importante rua da periferia da cidade Sete Lagoas, MG. Como resultado da pesquisa empírica, verificou-se que os agentes sociais mobilizam o capital espacial como instrumento de diferenciação, além dos capitais econômico, social, cultural e simbólico já considerados em pesquisas anteriores (BOURDIEU, 2010). Outro achado deste estudo é que os sujeitos personificados nos diferentes tipos de empreendedores identificados – tradicionais, modernos e *bricoleurs* – não atuam em um vácuo socioespacial, nem são independentes uns dos outros.

Palavras-chave: Espaço; dinâmica socioespacial; Teoria da Ação Prática; empreendedorismo; empreendedorismo comunitário.

ABSTRACT

Taking the approaches proposed by Bourdieu (2010) and Jacobs (2011) as a reference, this paper aims to investigate how different social agents – especially local entrepreneurs – articulate and mobilize different capitals (economic, social, cultural and symbolic) for the production of socio-spatial dynamics of diversity and vitality. A survey inspired by the Grounded Theory was then carried out and involved 41 interviews with actors inserted into the dynamics of an important street in the periphery of Sete Lagoas, MG, Brazil. As a result of empirical research, it was found that social agents mobilize the space capital as a distinction tool, extrapolating economic, social, cultural and symbolic capitals already considered in previous research (BOURDIEU, 2010). Another result gleaned from this study is the different types of personified subjects that were identified – traditional, modern and *bricoleurs* – do not act within a socio-spatial vacuum, and neither are they independent from each other.

Keywords: Space; socio-spatial dynamics; Theory of Practice; entrepreneurship; communitarian entrepreneurship.

Endereço dos autores:

Anderson de Souza Sant'anna
anderson@fdc.org.br

Daniela Martins Diniz
danidiniz09@yahoo.com.br

Fátima Bayma de Oliveira
fbayma@fgv.br

1. INTRODUÇÃO

A relevância de se investigar a rua como dispositivo para uma compreensão mais fidedigna do cotidiano urbano contemporâneo e das interações sociais entre seus diferentes agentes sociais vem se apresentando com cada vez mais vigor nos estudos urbanos e organizacionais (SANTOS, 2012; JACOBS, 2011; BOURDIEU, 2010). Sob tal perspectiva, a rua emerge como espaço fundamental de observação da dinâmica pautada por um regime de acumulação cada vez mais flexível (HARVEY, 1989). É nela – e menos nas organizações convencionais – que muito possivelmente se pode captar, observar e analisar a diversidade e pluralidade da vida nas sociedades hodiernas, constituindo-se como locus em que o conjunto de seus agentes compartilha suas singularidades (JACOBS, 2011).

De acordo com Cordeiro (2008, p. 9), a rua se apresenta como um “[...] recorte empírico que permite encontrar uma multiplicidade de pontos de vista e de objetos, um recorte etnográfico possível para a exploração e o conhecimento da vida contemporânea”. A tal afirmativa, Damatta (1997) acrescenta que a análise dos processos socioespaciais assume fortemente perspectivas relacionais e é capaz de diferentes leituras e construções da realidade.

De qualquer forma, a rua tem sido submetida a distintas lentes de interpretação, incluindo seu estudo como “dispositivo cultural” (AGIER, 2011), “espaço de diversidade e vitalidade” (JACOBS, 2011), “arena política” (MINTZBERG, 2006) e “campo de disputas” (BOURDIEU, 2010), evidenciando-se, ademais, como “heterotopia” (FOUCAULT, 2013) privilegiada de observação e análise dos fenômenos relacionais que marcam a contemporaneidade.

As contribuições da sociologia de Pierre Bourdieu são, nessa direção, paradigmáticas, em particular ao permitirem elementos concretos à leitura de tais espacialidades, como jogos de lutas e

interações, possibilitando evidenciar de que forma relações entre diferentes agentes contribuem para a produção de contextos de diversidade, inovação e mudança. Isso, na medida em que a produção da cidade e seus diversos lugares e dinâmicas encontra-se intrinsecamente relacionado à (re)produção de discursos, relações e práticas sociais. Sob tal ótica, o arcabouço teórico de Bourdieu (2009; 2010) oferece dispositivos significativos para a compreensão das arenas de lutas, em que se inserem tais agentes, e como cada um mobiliza diferentes capitais tendo em vista assegurar lugar distintivo em um dado campo social.

Complementarmente, coloca-se oportuno considerar a perspectiva antecipatória de Jane Jacobs, que já na década de 1960 sugere que é por meio da rua que se pode melhor investigar a vida e a pluralidade existente na sociedade. Isso se dá por se constituir lugar de passagem, circulação, mas também de esquinas, trocas, conversas, violência, entendimento, erotismo, diversidade e, portanto, de sociabilidade e construção da civilização; sendo no espaço da rua onde as relações sociais contemporâneas efetivamente acontecem (JACOBS, 1969).

Tomando, *a posteriori*, como referência as abordagens desses dois autores – Bourdieu (2010) e Jacobs (2011) –, este artigo tem como foco apresentar resultados de pesquisa destinada a investigar relações entre os construtos espaço e dinâmica social. Nessa direção, busca verificar de que forma relações entre diferentes agentes sociais – no caso específico, com ênfase em empreendedores locais –, mobilizando distintos capitais – econômicos, sociais, culturais e simbólicos – condicionam e são condicionados por configurações espaciais específicas, que produzem dinâmicas socioespaciais mais ou menos favorecedoras de diversidade. Em outros termos, defende-se que diferentes agentes, ao articularem distintos capitais (BOURDIEU, 2010; 2008; 1996), produzem distintas dinâmicas socioeconômicas e espaciais, mais ou menos favorecedoras de diversidade e vitalidade (JACOBS, 2011).

Cabe desde já salientar que, para fins deste estudo, o espaço emerge como categoria “dinâmica” e “relacional” (SANTOS, 2012), constituída por um conjunto indissociável de sistemas de “objetos” e “ações”, cada qual composto por “microespaços” (SANTOS, 2014; 2012; 1988) ou “espaços-entre” (AGIER, 2011). Desse modo, para a análise dos “objetos”, fez-se uso do arcabouço teórico de diversidade e vitalidade, conforme proposto por Jacobs (2011). Já para a investigação das “ações”, utilizou-se a Teoria da Ação Prática, de Bourdieu (2008).

Isso posto, a questão central que subsidiou a realização deste estudo pode ser assim sintetizada: “De que forma diferentes agentes sociais, especialmente empreendedores locais, articulam-se e mobilizam distintos capitais (econômicos, sociais, culturais, simbólicos e espaciais) tendo em vista a produção de dinâmicas socioespaciais de diversidade e vitalidade?”

Estabelecidas a problemática e a pergunta de pesquisa, é possível assinalar como objetivos específicos da investigação que subsidiou os resultados deste estudo: i) descrever o espaço público, objeto da investigação, considerando as condições de diversidade conforme propostas por Jacobs (2011); ii) analisar formas cotidianas de mobilização de capitais – econômicos, culturais, simbólicos – envolvidos nas relações entre os principais agentes sociais envolvidos (BOURDIEU, 2010); e iii) investigar relações entre capitais mobilizados e condições espaciais de diversidade.

Como objeto de investigação, foi considerada a Rua Santa Juliana, situada no município de Sete Lagoas (MG), a qual constitui importante eixo de desenvolvimento econômico local. A escolha da Rua Santa Juliana como unidade de pesquisa se deveu, além de fatores como sua importância e representatividade na estrutura geoeconômica local, a traços que sinalizam para sua diversidade de usos e funções, bem como potencial de geração de vitalidade socioeconômica e cultural.

Para além desta introdução, o artigo contempla o quadro teórico da pesquisa, especificamente as perspectivas de Jacobs (2011) e Bourdieu (2004; 2009; 2010), os aspectos metodológicos do estudo empírico, a seção de análise de dados e, por fim, as considerações finais do estudo.

2. QUADRO TEÓRICO

2.1. Espaços de diversidade e vitalidade: a perspectiva de Jane Jacobs

Tendo em vista os objetivos da pesquisa, torna-se importante compreender como as cidades geram uma diversidade suficiente de usos e funções para preservar a própria civilização. Segundo Jacobs (2011), existem quatro condições espaciais indispensáveis para se gerar uma diversidade “exuberante” nos distritos e ruas de uma cidade. A primeira condição indica que a rua deve atender a mais de uma função principal. Ela deve dispor de um leque de atividades que assegurem a presença de pessoas em horários diferentes e por razões diferentes, utilizando boa parte da infraestrutura disponível.

Além de criar segurança nas ruas, tal variedade de funções, bem como a movimentação contínua, contribui para dar vida aos empreendimentos locais. Os estabelecimentos comerciais, assim como as ruas, precisam de frequentadores para sua sobrevivência. Essas distintas combinações de usos diversos da cidade não são, portanto, um caos a ser ordenado – ao contrário, representam uma forma de organização complexa e desenvolvida, que possibilita à cidade criar diversidade e se manter viva (JACOBS, 2011).

A segunda condição, por sua vez, está relacionada ao tamanho dos quarteirões da rua. A autora propõe que a maioria de suas quadras deve ser curta e, portanto, propiciem oportunidades de se transpor esquinas. Vizinhanças isoladas e separadas

correm o risco de serem abandonadas. Quando predominam quadras longas, mesmo as pessoas da mesma vizinhança tendem a se manter afastadas, dificultando a formação de combinações complexas de usos urbanos compartilhados.

O terceiro requisito de diversidade urbana diz respeito ao perfil dos edifícios que compõem a rua. Para Jacobs (2011), um logradouro deve conter uma combinação de edifícios com idades e estados de conservação variados, bem como incluir boa porcentagem de prédios antigos, de modo a gerar rendimento econômico variado. Assim, as ruas precisam de mesclas de prédios novos e antigos para cultivarem as misturas de diversidade. Se uma área da cidade tiver apenas prédios novos, seus empreendimentos estarão limitados àqueles que podem arcar com os custos elevados desses novos edifícios. Portanto, trata-se de um fator que limita a diversidade, uma vez que bares de bairro e restaurantes típicos, por exemplo, podem não ter condições de se instalar em empreendimentos recém-construídos (JACOBS, 2011).

Finalmente, a quarta condição se associa ao fluxo de indivíduos. Para Jacobs (2011), a rua deve contemplar densidade suficientemente alta de pessoas, sejam quais forem seus propósitos, incluindo ampla concentração de moradores. Além dos moradores, a autora reforça a importância da presença de agentes desconhecidos que trabalham ou transitam na região por contribuírem para a diversidade local. Elevado fluxo de pessoas é considerado, portanto, aspecto positivo, na medida em que representa fonte de vitalidade e riqueza de diferenças e opções.

Em suma, para que uma rua ou um bairro possua diversidade “exuberante”, isto é, capacidade de unir os mais diferentes gostos, habilidades e necessidades em uma mesma região, é necessário que possuam elevada densidade de pessoas circulando, tanto de dia quanto de noite, uma mistura de prédios novos e antigos que comportem os mais

diversos serviços, assim como quadras curtas que facilitem a circulação das pessoas.

2.2. Articulando múltiplos agentes e distintos capitais: contribuições da sociologia de Bourdieu

Para análise das relações entre agentes sociais envolvidos na dinâmica da rua investigada, adotou-se, *a posteriori*, como arcabouço teórico a Teoria da Ação Prática, de Bourdieu, com destaque para suas noções de *habitus*, campo, capital e distinção.

De modo geral, um dos principais conceitos propostos por Bourdieu (2004) é a noção de *habitus*, compreendido como sistema de disposições adquirido pela experiência e nos processos de socialização, que variam segundo o lugar e o momento. Trata-se, desse modo, de formas de agir, fazer, perceber, sentir e pensar interiorizados como resultado das condições de sua existência:

Os condicionamentos associados a uma classe particular de condições de existência produzem *habitus*, sistemas de disposições duráveis e transponíveis, estruturas estruturadas predispostas a funcionar como estruturas estruturantes, ou seja, como princípios geradores e organizadores de práticas e de representações que podem ser objetivamente adaptadas ao seu objetivo sem supor intenção consciente de fins e o domínio expresso das operações necessárias para alcançá-los. (BOURDIEU, 2009, p. 87).

Junto do *habitus*, o conceito de campo ocupa lugar de destaque na Teoria da Ação Prática. Como um espaço multidimensional, o campo não deve ser tratado unicamente pela dimensão econômica, devendo considerar também as lutas simbólicas que ocorrem em seu interior (BOURDIEU, 2010). Nesse sentido, para Bourdieu, a sociedade deve ser entendida como um conjunto de campos sociais atravessados por lutas entre grupamentos. Cada campo é, desse modo, marcado por agentes sociais providos de mesmos *habitus*, sendo a relação entre

habitus e campo uma relação de condicionamento: o campo estrutura o *habitus*. Bourdieu (2010) busca sintetizar a noção de campo como:

[...] um espaço multidimensional de posições tal que qualquer posição atual pode ser definida em função de um sistema multidimensional de coordenadas cujos valores correspondem aos valores das diferentes variáveis pertinentes: os agentes distribuem-se assim nele, na primeira dimensão, segundo o volume global do capital que possuem e, na segunda dimensão, segundo a composição do seu capital – quer dizer, segundo o peso relativo das diferentes espécies no conjunto das duas posses. (BOURDIEU, 2010, p. 135).

Ou seja, cada elemento do campo é um agente que comunga de interesses e capitais similares. Logo, os campos se organizam hierarquicamente a partir de capitais, símbolos de poder e de dominação. Em outros termos, as diferentes formas de capital permitem estruturar o espaço social. Desse modo, para compreender como se organiza tal espaço, torna-se relevante uma análise dos diferentes tipos de capitais mobilizados.

Diferentemente de Karl Marx, Bourdieu (2010) não limita o conceito de capital à dimensão econômica, distinguindo-o em quatro tipos: econômico, cultural, social e simbólico. O capital econômico é constituído por diferentes fatores de produção e por um conjunto dos bens econômicos, como bens materiais, renda, patrimônio. O capital cultural, por sua vez, corresponde ao conjunto de conhecimentos e qualificações intelectuais transmitidas pela família e pelas instituições escolares durante a vida do indivíduo. Já o capital social envolve a manutenção da rede de relações sociais que englobam tanto os indivíduos quanto o coletivo, acumulando-se pelo processo de socialização (BOURDIEU, 2009). Por último, há o capital simbólico, que faz referência aos outros capitais e a eles se associa, na medida em que não existe sozinho nem é independente dos demais,

agregando valor. Relaciona-se com a acumulação de prestígio e reconhecimento social pelo indivíduo ou grupo, que preservam sob seus domínios os recursos considerados essenciais em determinado campo.

Uma vez que a luta no interior de um dado campo é motivada pelo desejo de acúmulo de capital simbólico, o campo, além de ser um espaço social de conflitos e negociações, incorpora uma dimensão simbólica (BOURDIEU, 2010). Portanto, ele é organizado segundo a lógica da diferença, isto é, de um traço distintivo ou certa qualidade que só existe em relação a outras propriedades. Os indivíduos de um dado campo buscam se distinguir e preservar uma identidade social própria, seja por meio do nome da família, da profissão, da posse de bens, do cargo que ocupam, das instituições a que se vinculam, entre outros.

3. METODOLOGIA

Considerando a carência de pesquisas similares a esta no Brasil e a premissa de que a adoção de metodologias mais positivistas traria o risco de impor indevidamente lógicas ou categorias de um campo ou contexto social a outro, ocultando observações que poderiam escapar aos quadros teóricos consolidados (DEY, 2007; LINCOLN; GUBA, 1985), optou-se por realizar um estudo qualitativo com inspiração na Teoria Fundamentada nos Dados (TFD), em inglês *Grounded Theory* (GLASER, 1998, 1992; 1978; GLASER; STRAUSS, 1967).

Concebido originalmente por Glaser e Strauss (1967), o método da TFD passou a ser utilizado mais amplamente em pesquisas qualitativas, referindo-se ao desenvolvimento teórico induzido pela análise de dados empíricos por meio de uma perspectiva de casos em vez da abordagem centrada em modelos teóricos e categorias previamente estabelecidas (STRAUSS, 1987; STRAUSS; CORBIN, 1990; GLASER, 1992; BRYMAN, 2001).

De modo distinto de métodos mais convencionais, em que se visa à descrição de uma dada situação vis-à-vis a um modelo teórico definido *a priori* na TFD, o objetivo reside em sua contribuição para a formulação de novas categorias. Ao longo dos processos de coleta, codificação e análise dos dados obtidos, o próprio desenrolar do levantamento empírico sugere quais serão os sujeitos de pesquisa, onde encontrá-los e quais aspectos a ser analisados. A definição dos sujeitos de pesquisa é, portanto, um processo contínuo, que se encerra quando as categorias geradas são estabelecidas e validadas (saturação teórica).

Inspirando-se na vertente glaseriana ou “clássica” da TFD, cujas bases, metodologias e procedimentos operativos se encontram estabelecidos em *Doing grounded theory: issues and discussions* (1998), a pesquisa se baseou no uso de instrumentos múltiplos, como análise documental, observação direta, envolvendo 15 visitas *in loco* e 41 entrevistas semiestruturadas (Quadro 1), incluindo questões sobre fatores associados à expansão econômica e populacional, suas principais características e mudanças vivenciadas nesse processo, melhorias e problemas decorrentes, instituições e pessoas de importância, características dos moradores, transeuntes e empreendimentos, entre outras destinadas à compreensão de dinâmicas socioeconômica e espacial da via. Previamente, na etapa de análise documental, procurou-se também descrever a rua e sua história, os moradores, os empreendimentos, a articulação com outras ruas, os bairros adjacentes e com a cidade como um todo, as lideranças locais, assim como sua situação atual e desafios para o futuro.

Por meio das entrevistas foi possível apreender as dinâmicas socioeconômica, espacial e cultural da rua, com destaque para formas cotidianas de mobilização e controle social dos diversos capitais – sociais, culturais, econômicos e simbólicos – transacionados pelos agentes sociais nela envolvidos a partir do arcabouço teórico de Bourdieu (2008).

Quadro 1 – Sujeitos de pesquisa

Sujeitos de pesquisa	Quantidade
Donos de empreendimentos (salão de beleza, farmácia, casa lotérica, setor de alimentação, informática, clínicas de saúde etc.)	14
Gestores de empreendimentos locais	7
Moradores	7
Servidores públicos (Prefeitura Municipal e Governo Estadual)	5
Trabalhadores locais	4
Transeuntes	2
Político (vereador)	1
Formador de opinião (jornalista)	1
Total	41

Fonte: Elaborado pelos autores.

Para o tratamento dos dados obtidos via entrevistas, além de sua cuidadosa análise manual, empreendeu-se, complementarmente, exame por meio do software de tratamento qualitativo de dados N-vivo 8.0, seguindo o processo de codificação e categorização, conforme indicado por Flick (2009). Igualmente, os documentos analisados – Bolson (2011), Sete Lagoas (2013; 2012; 1998; 2014), Clube de Diretores Lojistas de Sete Lagoas (2014a, 2014b), e Sindicato do Comércio de Sete Lagoas (2012) –, após digitados em planilha Excel, foram submetidos à análise por meio do software N-vivo 8.0.

Por meio do conjunto das entrevistas, observações diretas – do tipo não participante – e documentos analisados, foi possível traçar um panorama privilegiado da Rua Santa Juliana, uma das ruas mais antigas de Sete Lagoas, tendo papel privilegiado de ligação entre o centro, seu principal centro comercial e a MG-238, que faz ligação à ampla gama de pequenas localidades vizinhas, tais como Jequitibá, Santana de Pirapama, Baldim e São Vicente. Ocupa igualmente posição geoeconômica estratégica, o que lhe confere status de “eixo de desenvolvimento econômico local” (Bolson, 2011), considerando sua localização como principal logradouro de conexão entre as novas plantas industriais instaladas na periferia

de Sete Lagoas – Ambev, Iveco-Fiat, Caterpillar, entre outras – e a região central da cidade. Concomitantemente, vem assumindo caráter cada vez mais expressivo como “centralidade local”, tendo ao longo de seu eixo a presença de bairros com intenso adensamento populacional: Boa Vista, Olinto Alvim, Braz Filizola, Emília, São Vicente, São João e Montreal.

Quadro 2 – Rua Santa Juliana: dados gerais

Dados gerais	Quantitativo
Total de endereços	422
Domicílios particulares	241
Estabelecimentos de ensino	1
Estabelecimentos de saúde	2
Estabelecimentos de outras finalidades (comerciais, religiosos, entre outros)	168
Quantidade estimada de moradores nesse logradouro	836
Rendimento médio estimado de moradores nesse logradouro	R\$ 628

Fonte: Informações do Brasil (2014).

A Santa Juliana consiste também na principal via de acesso a conjuntos habitacionais populares, como o Nova Cidade – antigo conjunto habitacional popular Morro Vermelho –, o Orozimbo Macedo e a Cidade de Deus, bem como a condomínios residenciais de alto luxo recentemente construídos ao longo da MG-238. Assim sendo, além de intenso fluxo de pessoas, veículos particulares e ônibus de transporte de trabalhadores, a Santa Juliana conta com ampla diversidade de linhas de coletivos, com conexões com diferentes bairros de Sete Lagoas e cidades de seu entorno, configurando-a como uma via de grande atratividade para atividades comerciais e de serviços.

A Figura 1 apresenta uma visão geral da Rua Santa Juliana, permitindo vislumbrar sua localização considerando a região central de Sete Lagoas (círculo branco mais à esquerda) e sua área de influência (setas em amarelo, partindo do círculo branco, mais à direita).



Figura 1 – Santa Juliana: raio de influência

Fonte: Castro (2015, p. 9).

Quanto às áreas de influência indicadas na Figura 1, a seta laranja maior indica seu raio de influência sobre a MG-238, com destaque para grandes empresas e condomínios industriais localizados em sua extensão. As duas setas laranjas de tamanho intermediário apontam para seu raio de influência junto de grandes conjuntos habitacionais de baixa renda da cidade. Já a seta laranja menor indica seu raio de influência sobre grandes condomínios de alto luxo recém-construídos em Sete Lagoas, com o objetivo de atender, sobretudo, aos profissionais mais graduados das grandes empresas entrantes.

4. APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DE DADOS

4.1. Condições que geram vitalidade

Neste tópico, objetiva-se analisar o espaço urbano da Rua Santa Juliana, visando a identificar as quatro condições de diversidade, conforme estudos conduzidos por Jacobs (2011): i) diversidade de funções; ii) tamanho das quadras; iii) mistura entre edifícios novos e antigos; e iv) densidade de pessoas.

Como resultados, evidencia-se ampla diversidade de usos e funções. Em relação à diversidade

comercial, vale ressaltar que a Rua Santa Juliana abrange empreendimentos ligados a múltiplos ramos de atividade. Bares e restaurantes, redes de supermercados locais e nacionais, franquias, concessionárias, lojas de automóveis e autopeças, agência bancária, casa lotérica, farmácias e lojas de construção são algumas das atividades existentes na região. Acrescentam-se diversos empreendimentos não formais – ambulantes, feirantes, prestadores de serviços residenciais – que operam na rua. Dados de entrevistas salientam que tal diversidade tem sido incrementada após a implantação de grandes empresas na região, tais como Iveco-Fiat e Ambev.

Modificou tudo. Quando nós viemos morar aqui, praticamente não tinha asfalto nenhum, só tinha terra, comércio praticamente nenhum [...]. Depois da Ambev, o comércio só veio aumentar, tanto é que tem banco, tem várias casas lotéricas, várias farmácias, açougue. Não tinha nada não aqui, não tinha comércio, não tinha emprego. (Relato, Entrevista 10).

Além do crescente número de estabelecimentos comerciais e sua diversificação, relatos apontam para sensível melhoria na qualidade dos produtos e serviços ofertados. Tais alterações se encontram diretamente associadas às mudanças nos perfis dos consumidores, sobretudo por incorporarem gostos e *habitus* de profissionais de grandes corporações instaladas na região, comumente descritos como mais sofisticados e exigentes.

Em decorrência, apontam para o fato de grande número de estabelecimentos comerciais tradicionais terem sido compelidos a se adequar às mudanças do mercado, incorporando iniciativas para maior profissionalização de seus empreendimentos, conforme sinaliza o relato: “Lojas antigas [...] o povo tá melhorando elas [...] fazendo lojas mais novas, né? Estrutura bem melhor do que era há um tempo atrás” (Relato, Entrevista 1).

Para trinta entrevistados, se há 10 ou 15 anos a Santa Juliana não passava de uma rua de passagem, de acesso da zona rural à zona urbana de Sete Lagoas, hoje constitui um de seus principais eixos comerciais, competindo, inclusive, com o tradicional comércio da região central da cidade:

Não está compensando muito ir lá para o centro. Nas cidades vizinhas, o povo está vindo para essa região aqui comprar. Eu tenho cliente que me compra nessa loja que não vai mais na loja do centro. (Relato, Entrevista 1)

Fácil acesso de produtos, uma variedade de coisas, dentista, supermercado, padaria. Tanto serviço, mecânico, borracharia, tudo o que você precisar tem na Santa Juliana, são poucas as coisas que você precisa sair daqui do bairro para procurar em outro lugar. (Relato, Entrevista 20)

A expansão comercial, entretanto, tem provocado crescente movimento em seu setor imobiliário, com a derrubada e ou transformação de antigas moradias em pontos comerciais. Além de gerar certo “estranhamento” por parte dos moradores antigos da rua, tal tendência é apontada como prejudicial à diversidade local. Como aponta Jacobs (2009), é fundamental que haja alta concentração de pessoas cujo propósito seja morar lá. Portanto, para que a Rua Santa Juliana não vire uma “via” – espaço meramente de passagem –, relatos apontam como imperativo que o comércio seja combinado de forma mais harmoniosa com a função residencial:

Eu acho que vai só crescendo o comércio. [...] Cada vez mais e mais. [...] A via passa a ser cada dia mais um corredor, já estão construindo loteamentos próximos da Iveco. Você quase não vê, na Santa Juliana, residencial mais e eu acho que a tendência é essa: continuar crescendo e pessoal buscar cada vez mais vir pra cá. (Relato, Entrevista 4).

Não vai ter lote e casa mais, só comércio, literalmente só comércio. Essas poucas casas que têm aqui, eu acredito que daqui uns três, quatro anos, não vai ter mais não. Preocupante. (Relato, Entrevista 4).

A diversidade de usos e funções também se encontra, segundo Jacobs (2011), diretamente relacionada à pluralidade de seus usuários. Nesse quesito, a Rua Santa Juliana uma vez mais se apresenta exemplar. Não obstante o maior contingente de usuários da via ser dos bairros de seu entorno – majoritariamente famílias das classes econômicas “C” e “D” – a relação de frequentadores de seu comércio tem sido diversificada, incluindo tanto representantes da zona rural próxima à via, das pequenas cidades vizinhas, de bairros populares e conjuntos habitacionais de baixa renda quanto de profissionais de grandes companhias do entorno e residentes em condomínios de classes média e alta.

O perfil agora está mudando por causa dessas empresas. Então, está tendo um perfil mais avançado, coisas melhores, coisas que não tinham antigamente. Mas agora está bem diversificado: desde uma pessoa mais simples, mais pacata, até uma pessoa mais pra frente, vamos dizer assim. (Relato, Entrevista 4)

Outro indicador de diversidade de ruas, segundo Jacobs (2011), é o tamanho das quadras. Para ela, a maioria dos quarteirões da rua deve ser curto, com oportunidades frequentes de se dobrar esquinas. Em geral, os dados coletados junto à Rua Santa Juliana atendem a esse requisito, notadamente, em seu trecho de maior vitalidade comercial. Não obstante as facilidades decorrentes do reduzido tamanho das quadras, relatos obtidos revelam que a circulação de pessoas pela via acaba por ser impactada por outros fatores, tais como: ausência de pavimentação nos passeios, estreitamento das calçadas e competição desleal por “espaço” – inclusive nas calçadas – com veículos, bicicletas, motos, ônibus e

caminhões. Soma-se a isso queixas quanto a um rápido e desordenado crescimento do fluxo de veículos e ônibus, sem correspondentes melhorias na mobilidade da região:

Na Santa Juliana especificamente, nesses dois aspectos, não existe estacionamento, o trânsito é muito difícil, muito pesado, as calçadas em muitos pontos são muito estreitas. [...] Um caos. (Relato, Entrevista 27).

É uma rua muito movimentada para a largura que tem, até mesmo a pavimentação dela está muito sucateada. (Relato, Entrevista 24).

Já quanto à combinação de edifícios novos e antigos, Jacobs (2011) observa que a rua deve ter uma mistura de edifícios com idades e estados de conservação variados. Tal condição também pode ser observada na Rua Santa Juliana. Nessa direção, um aspecto a ser destacado é que a disposição e estrutura da rua, assim como de seus imóveis – residenciais ou comerciais – não possui padrões arquitetônicos e construtivos únicos. Portanto, a rua tem capacidade de oferecer algo para diferentes públicos, confirmando a premissa de Jacobs (2011). Ela é uma “mistura” de casas e prédios antigos e de edificações mais novas, construídas especialmente após a instalação das grandes empresas, conforme sinaliza o relato: “Agora eles estão construindo muito prédio novo também aqui” (Relato, Entrevista 11).

Igualmente, todos os 41 respondentes confirmam que a Santa Juliana contempla a condição relativa à diversidade de pessoas: elevada densidade de pessoas em horários variados e com diferentes propósitos (moradores, desconhecidos e pessoas que trabalham ou transitam por lá). Essa circulação intensa contribui para a diversidade local e segurança (JACOBS, 2011):

Essa rua é um corredor de trânsito para muitos bairros dessa região. Passam muitas pessoas que vão pro

serviço de bicicleta, de moto, de ônibus. Então tem um trânsito intenso com pico de manhã, à tarde tem muito ônibus. O dia todo. Até à noite. Dá um bom movimento na rua até umas 22 horas. Bares, tem lanchonete. (Relato, Entrevista 3).

Não obstante problemas e limitações, o conjunto dos dados se revela significativo não apenas ao corroborar empiricamente as condições de vitalidade da Santa Juliana (JACOBS, 2011), mas, sobretudo, ao evidenciar o papel proeminente do “espaço” como elemento protagonista de vitalidade econômica, cultural e social. Tal relevo é evidenciado, por exemplo, na negativa dos respondentes quanto a visões que ainda insistem em caracterizar o espaço como “morto” ou apenas como uma “moldura” sobre a qual se operam as relações sociais (SANTOS, 2012). Ao contrário, os dados apontam para sua relevância e papel destacado como “capital” mobilizado pelos agentes sociais investigados nas diferentes estratégias direcionadas ao domínio do campo em que se inserem.

4.2. Interações entre agentes sociais: empreendedores como protagonistas

Na medida em que o desenvolvimento territorial é forjado por uma rede de agentes com interesses plurais, identificar os elementos direcionadores dessas relações se apresenta como fundamental à compreensão das bases para o desenvolvimento de políticas e intervenções em prol de um desenvolvimento local sustentável.

Análise de relações entre diferentes agentes sociais na dinâmica espacial da Rua Santa Juliana revelou tensões e contradições associadas a três temas centrais: i) entre áreas geográficas da cidade, isto é, centro versus periferia; ii) nas relações entre empreendedores locais e demais agentes sociais envolvidos na dinâmica da rua; iii) nos modelos de negócios e distribuição espacial dos empreendimentos locais, isto é, novos e antigos.

No que tange às tensões entre as áreas geográficas da cidade, é possível evidenciar a relação de interdependência entre dois perfis diferentes de atividades na dinâmica da Santa Juliana com a presença de grandes empreendimentos e empresas multinacionais modernas associados a pequenos empreendimentos não modernos. Grandes redes de supermercados concorrem com pequenos estabelecimentos de varejo, articulando e conjugando capitais econômicos, sociais, culturais e simbólicos singulares.

Enquanto os grandes estabelecimentos irão se distinguir pela mobilização de capitais econômicos e simbólicos (BOURDIEU, 2010), tais como variedade de produtos e marcas, facilidade de estacionamento, descontos e promoções; os menores tendem a explorar outros capitais, incluindo localização geográfica mais próxima a outros comércios e serviços, pontos comerciais com calçadas largas, conhecimento do perfil dos consumidores, relacionamento interpessoal e atendimento pessoal.

Em relação à segunda contradição (empreendedores novatos e veteranos), os dados permitem evidenciar uma primeira categorização em relação a tipos de empreendedores presentes na Santa Juliana, considerando o par antitético “veteranos-novatos”. O primeiro grupamento (veteranos) é caracterizado por fortes laços sociais e afetivos com o local, sendo que grande parte dos comerciantes reside na rua ou em bairros do entorno. Relações de confiança influenciam amplamente as práticas comerciais, incluindo vender a “fiado” e a “cadernetas”.

A gente tem fiado. [...] Aqui sem fiado, sem crediário, ninguém vende. A renda per capita aqui é muito baixa. (Relato, Entrevista 39).

Fatores como vínculo histórico com a comunidade e amplo conhecimento do mercado local lhes conferem nítidos elementos de diferenciação, bem como conexões e relacionamentos construídos

com vizinhos e clientes (fregueses) favorecem laços fortes de confiança, permitindo-lhes posições privilegiadas nas dinâmicas de influência e formação de opinião local. No mais, a tecnologia para se planejar o negócio é bastante artesanal e os empreendimentos são dotados de poucos equipamentos informatizados.

Já o segundo grupamento (novatos), compreende empreendedores que estabelecem posicionamentos mais profissionais, visando ao resultado tanto econômico como financeiro do negócio. Nesse sentido, constata-se menor proximidade com a comunidade – grande parte não reside na rua –, sendo as relações com o entorno mediadas por perspectivas mais utilitaristas, pautadas por interesses diretamente associados aos resultados do negócio. Grande ênfase é atribuída à profissionalização dos processos internos de gestão com a adoção de tecnologias, metodologias e instrumentos de controle, conforme resumo apresentado no Quadro 3.

Nesse sentido, apresentou-se evidente o caráter protagonista assumido pelos empreendedores

locais no domínio da dinâmica socioeconômica e espacial local. Dessa forma, o foco será enfatizar, para fins deste estudo, o papel desses agentes nas análises delineadas.

De toda forma, não obstante tal protagonismo, não se pode descrever os empreendedores da Santa Juliana como um grupamento monolítico – ao contrário, considerando os diferentes capitais por eles mobilizados – econômico, social, cultural e simbólico (BOURDIEU, 2010) –, foi possível diferenciá-los em três grupamentos: empreendedores tradicionais, modernos e *bricoleurs* (Quadro 4).

Quanto aos capitais distintivos de cada um desses grupamentos (tradicionais, modernos e *bricoleurs*), cabe salientar que, enquanto empreendedores tradicionais denotam forte apego ao “nome de família” e têm forte ligação afetiva ao local, empreendedores modernos podem ser distinguidos pela busca por resultados e pela adoção de lógicas de negócios centradas em técnicas mais modernas de gestão, descritos como focados no curto prazo e no lucro.

Quadro 3 – Empreendedores locais: atributos principais

Empreendedores	Atributos
Veteranos	Menor nível de escolaridade. Negócios consolidados. Negócios calcados em conhecimento do ambiente, fortes laços de confiança e relacionamento interpessoal. Modelos de negócios e gestão calcados na tradição e/ou improvisação. Ênfase na mobilização de capital social
Novatos	Maior nível de escolaridade. Negócios em fase de expansão. Elevada incorporação de metodologias e instrumentos formais de gestão. Estudo antes de abrir o empreendimento, maior tônica em planejamento, formalização e padronização. Ênfase na mobilização de capital cultural

Fonte: Elaborado pelos autores.

Quadro 4 – Santa Juliana: grupamentos de empreendedores segundo *habitus*

Grupamentos	<i>Habitus</i>
Empreendedores tradicionais	Simplicidade, conhecimento tácito, recato, família e conservadorismo.
Empreendedores modernos	Entretenimento, curto prazo, lucro, competitividade, resultado financeiro, crescimento e diversificação.
Empreendedores <i>bricoleurs</i>	Improvisação, informalidade, cópia, “jeitinho brasileiro”, senso de oportunidade, aventura, risco e adaptabilidade.

Fonte: Elaborado pelos autores.

Acrescenta-se que empreendedores tradicionais buscam vantagens e formas de diferenciação mobilizando capitais de base mais tradicional, incluindo conhecimento do local e seu mercado de consumo, relações interpessoais e de confiança e fortes laços afetivos com a comunidade (BOURDIEU, 2008).

Os clientes mais antigos têm mais confiança, mas os outros também fazem bastante isso, deixam a chave e falam assim: “vai lá em casa e busca o carro”. Isso tem demais! (Relato, Entrevista 7).

Já empreendedores modernos, por sua vez, procuram mobilizar capitais culturais e intelectuais, distinguindo-se por adotarem novas tecnologias e modelos de gestão e enfatizarem discursos que preconizam a “abertura pessoal a constantes mudanças e adaptações”, a “flexibilização nos processos, padrões e normas originalmente desenhados” e a “adequação à [...] cultura do mercado local” (Relato, Entrevista 22).

Agora, eu tenho percebido uma preocupação maior em melhorar realmente o empreendimento, de elevar o nível da qualificação para se diferenciar, agregando outros elementos. (Relato, Entrevista 28).

Finalmente, observa-se forte presença de empreendedores *bricoleurs*, os quais priorizam atributos de improvisação, senso de oportunidade e adaptabilidade. Eles são representados por pequenas “bancas de verduras”, “botequins improvisados”, “ambulantes e camelôs”, “barracas de vendas de produtos de ocasião”, “comércios tipicamente informais”, “comércios que copiam outros empreendimentos mais consolidados”, entre outros de tal natureza. Para Lévi-Strauss (1970, p. 39), o *bricoleur* não opera segundo um plano previamente definido, mas elaborando estruturas conforme os elementos que se apresentam à mão:

Tais elementos são, pois, em parte particularizados: o bastante para que o *bricoleur* não tenha necessidade do equipamento e do conhecimento de todos os corpos de administração; mas não o suficiente para que cada elemento seja sujeito a um emprego preciso e determinado. Cada elemento representa um conjunto de relações, ao mesmo tempo concretas e virtuais; são operadores, porém utilizáveis em função de qualquer operação dentro de um tipo. (LÉVI-STRAUSS, 1970, p. 39).

Análise da distribuição dos empreendedores locais na tipologia utilizada revela a predominância de empreendedores tradicionais (56%), seguidos por *bricoleurs* (38%) e modernos (6%).

Outro achado significativo diz respeito à possibilidade de se considerar os empreendedores atuantes na Santa Juliana a partir de sua posição no espaço geográfico da rua. Sob tal perspectiva, é possível identificar quatro trechos principais que a definem: residencial, de serviços, de comércio e de grandes empreendimentos (Figura 2).

No primeiro trecho há predomínio de imóveis residenciais, com presença de poucos estabelecimentos comerciais. No segundo trecho, constata-se predomínio de estabelecimentos de serviços, recreação e lazer. É maciça a presença de botequins, bares e restaurantes, grande parte pertencente a empreendedores tradicionais e *bricoleurs*. Os modelos de gestão desses empreendimentos são pouco sistemáticos, com fortes traços de informalidade e amplamente fundamentados em laços de confiança.

Quanto ao terceiro trecho, observa-se a prevalência de quadras mais curtas e elevada densidade populacional dos bairros que compõem seu entorno, que são alguns dos fatores que favorecem uma maior concentração de empreendimentos comerciais. O “inchaço” dos bairros vizinhos por trabalhadores das grandes empresas instaladas na região possibilitou, igualmente, sua rápida valorização para fins comerciais ou conjugados – comércio

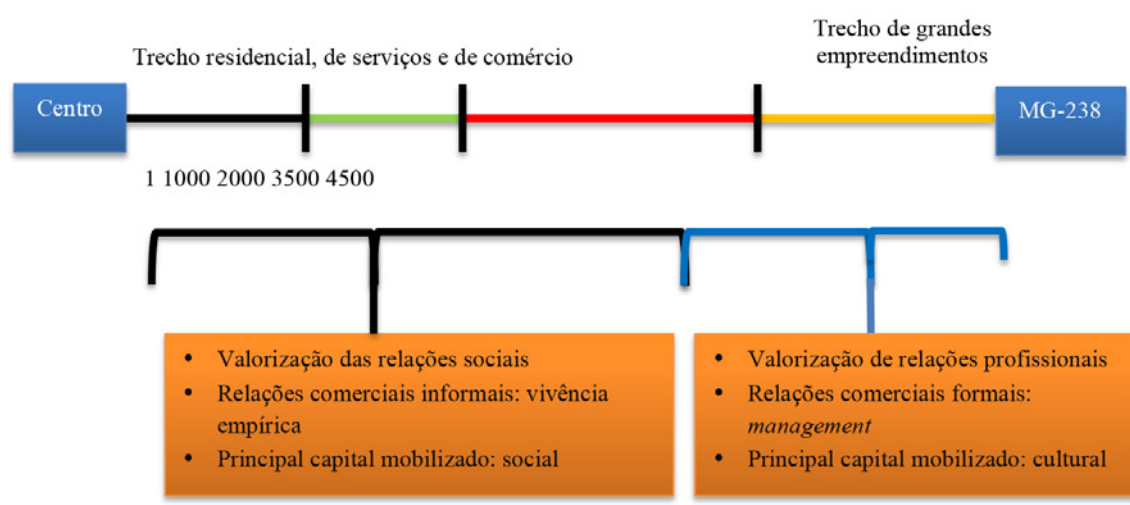


Figura 2 – Empreendedores segundo a localização espacial

Fonte: Elaborada pelos autores.

e residência. Nesse trecho, tem-se a maior mistura de empreendedores – tradicionais, modernos e *bricoleurs* –, assim como a presença de sobrados em que comércios atuam no térreo e o andar superior é direcionado a moradias.

Já o último trecho, onde finda a rua, caracteriza-se pela predominância de empreendimentos maiores, de maior porte, os quais demandam maior espaço físico, como supermercados, concessionárias de veículos, grandes lojas de varejo de materiais de construção, lojas de matérias elétricos e locadores de equipamentos de construção, no qual predominam os empreendimentos modernos.

A Figura 3 apresenta uma visão geral dos diferentes grupamentos de empreendedores presentes nos trechos que caracterizam a Santa Juliana.

Depoimentos obtidos, incluindo o de empreendedores, apontam a complementariedade de capitais entre comerciantes antigos e novos – e, entre esses, de empreendedores tradicionais, modernos e *bricoleurs* – como fator preponderante às melhorias públicas incorporadas à rua ao longo das últimas duas décadas. Segundo os relatos, a bem articulada conjugação entre capitais simbólicos e sociais, aportados pelos comerciantes mais antigos, e econômicos e culturais, incorporados pelos

novos entrantes, tem se revelado significativa para o desenvolvimento da rua.

Eles apontam também que, apesar da elevada atratividade da Santa Juliana a novos empreendedores, os existentes não relatam acirramento da concorrência entre si. O discurso de "concorrência saudável", "ajuda mútua", "complementaridade" e "competição com a região central da cidade, e não entre eles" é recorrente, conforme sinaliza o relato: "*A concorrência é amigável. [...] Um ajuda o outro e a convivência é muito boa. Nós nos complementamos*" (Relato, Entrevista 12).

Finalmente, vale salientar que a complementariedade de conhecimentos, habilidades e atitudes entre moradores e comerciantes antigos e novos é, igualmente, reiteradamente destacada como fator preponderante às melhorias incorporadas pela rua ao longo desta última década. A bem articulada conjugação entre capitais simbólicos, aportados pelos moradores e comerciantes mais antigos, e econômicos e gerenciais, incorporados pelos novos entrantes, tem se revelado eficaz, integrando legitimidade e profundo conhecimento da realidade local, seus valores, crenças e comportamentos propiciados pelos primeiros à energia, formação acadêmica e redes de relacionamentos dos segundos.

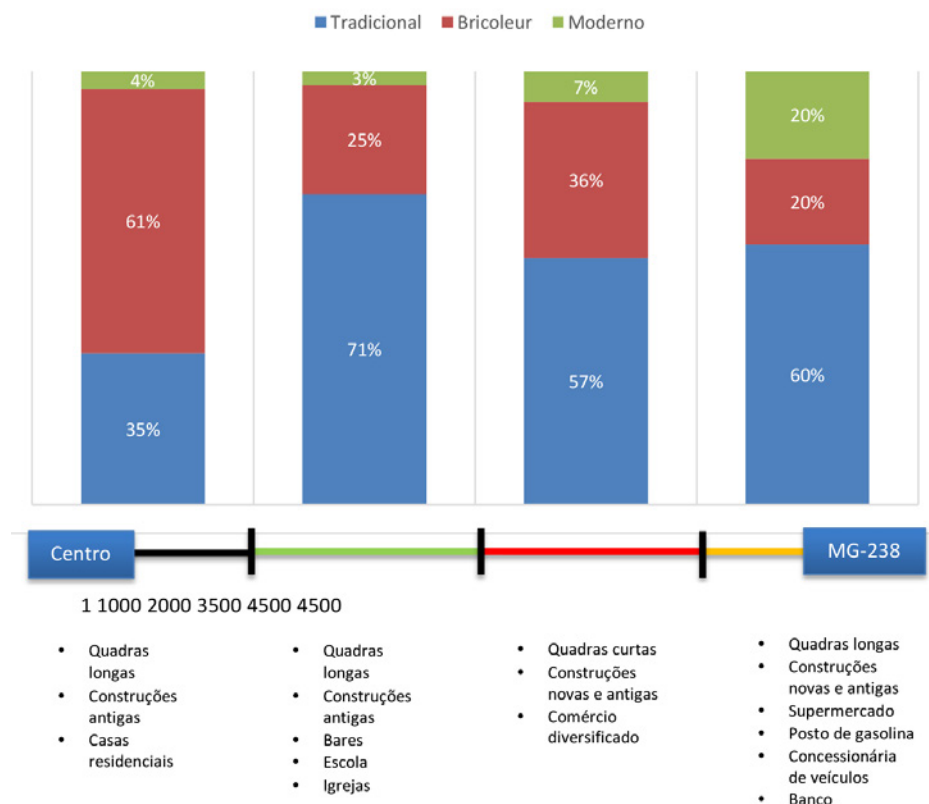


Figura 3 – Santa Juliana: percentual de grupamentos de empreendedores por trecho

Fonte: Elaborada pelos autores.

Em suma, os achados obtidos se apresentam relevantes, sobretudo, na medida em que apontam para a relevância de considerações mais sistemáticas, que extrapolam os capitais econômicos, sociais, culturais e simbólicos (BOURDIEU, 2008; 2010), atribuindo maior importância ao capital “espacial”, comumente relegado a segundo plano por estudos clássicos em economia e geografia (SANTOS, 2012).

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A atual relevância atribuída à dimensão espacial pode ser evidenciada pelo crescente interesse que lhe dedicam não somente geógrafos, urbanistas e planejadores como também sociólogos, historiadores, etnólogos e demógrafos. Tal interesse se encontra associado aos processos contemporâneos

de mundialização da economia e dos mercados, os quais implicam em demandas por redefinições de conceitos como os de local e acontecimento, bem como por enfoques epistêmico-metodológicos capazes de apreender sua complexidade.

Demanda-se, desse modo, dispositivos de apreensão dos objetos e ações que dinamizem essas “novas” relações tempero-espaciais, bem como de captura de suas lógicas de estruturação e formas de funcionamento. Uma promissora possibilidade é a busca pela compreensão de tais conceitos como “realidades relacionais”, isto é, articulações indissociáveis entre objetos e relações humanas.

Bourdieu (2008, p. 38), porém, adverte que: “[...] o espaço físico não passa de suporte vazio das propriedades sociais dos agentes e instituições que, estando distribuídos por essa superfície, transformam-na em um espaço social, socialmente

hierarquizado". Tal advertência não quer dizer que para Bourdieu (2008) o espaço se resume ao "morto" (SANTOS, 2012), como em abordagens clássicas da economia e da geografia. Igualmente, não significa que esse autor lhe atribuía o mesmo status destinado às instâncias econômica, social, cultural e simbólica. Para ele, o espaço somente pode ser apreendido nas relações que envolvem o conjunto de tais instâncias. Apreendê-lo significa investigar suas intercessões com os diferentes capitais mobilizados em um dado campo social. Somente nessa articulação ele pode ser capturado em sua complexidade.

Apesar da precaução de Bourdieu quanto a leituras calcadas em "determinismos ambientais", um importante achado deste estudo se refere à riqueza do capital espacial na compreensão da dinâmica investigada. A prevalência de trechos com características espaciais específicas como também a maior valorização econômica e simbólica de um dos lados da via e o maior fluxo de pessoas, além de maior variedade de funções, de combinação de prédios novos e antigos e da disposição de quadras influenciando maior ou menor vitalidade de diferentes trechos da Santa Juliana, sugerem o caráter ativo do espaço, assim como sua relevância como categoria de análise nos moldes dos capitais econômico, social, cultural e simbólico. Longe de desconsiderar a dimensão relacional do espaço, parece indiscutível o papel da representação cartográfica da distribuição do espaço de agrupamentos de agentes e instituições investigados.

Os achados da Santa Juliana se apresentam sugestivos ao apontar para o espaço não apenas como elemento que "transversaliza" a dinâmica pesquisada. Ao contrário, foi possível apreendê-lo também como componente estruturante da relação – estruturante à medida que alterações em sua composição influenciam o equilíbrio dinâmico da arquitetura socioespacial em análise, manifesta na articulação entre o conjunto dos capitais envolvidos.

A maior presença de residências de um único pavimento, no início da Santa Juliana, e não por coincidência em sua área mais próxima à região central da cidade; a maior vitalidade do comércio no trecho de quadras mais curtas e maior contato com os bairros mais densamente povoados do entorno, além de maior fluxo de moradores, mistura mais intensa de prédios novos e usados, maior diversidade de usos e funções; bem como a prevalência de terrenos maiores, prédios mais novos e empreendimentos de maior porte no final da via, apresentaram-se sintomáticos da relevância de certo capital espacial nas estratégias de diferenciação adotadas por diferentes agentes sociais envolvidos na dinâmica da rua.

Nessa direção, o método e as potencialidades da Teoria da Ação Prática, de Bourdieu, com destaque para seu caráter relacional, multidimensional e dinâmico, expôs sua robustez, inclusive, na própria extrapolação de campos e capitais originalmente estabelecidos pelo autor, revelando-se central à análise dos dados obtidos a partir da TFD junto à Rua Santa Juliana. De fato, por meio dela foi possível identificar semelhanças e diferenças quanto a distintos capitais mobilizados por seus principais agentes sociais.

Com relação à perspectiva teórica de Jacobs (2009; 2011), as evidências empíricas confirmam que a rua investigada contempla as quatro condições necessárias para a diversidade e vitalidade de uma dada espacialidade: diversidade de funções, tamanho das quadras, mistura entre edifícios novos e antigos e densidade de pessoas.

Em termos teóricos, os resultados do estudo são relevantes por indicarem que os empreendedores da Santa Juliana apresentam variações entre si – em termos de papéis desempenhados, atributos pessoais e estilos de gestão – e convivem em constantes inter-relações, conflitos e alianças. Tais achados se revelam proeminentes visto que a literatura clássica sobre o empreendedorismo ainda não se apresenta suficientemente atenta às dinâmicas

de coexistência e tensão entre tipos de empreendedores distintos (SMITH, 1967; SARASVATHY, 2004; STINCHFIELD; NELSON; WOOD, 2010).

Outra contribuição teórica está relacionada à aplicação de perspectivas ainda pouco exploradas nos estudos organizacionais e urbanos, notadamente no Brasil, como a abordagem de Bourdieu. Adicionalmente, vale salientar, a partir dos resultados empíricos deste estudo, a importância do capital espacial aparentemente pouco destacada nos estudos desse autor. Ademais, uma vez que o desenvolvimento territorial é forjado por uma rede de agentes com interesses plurais, identificar características de empreendedores locais e os capitais por eles mobilizados se revela significativo a uma compreensão mais sistêmica das bases para o desenvolvimento de locais caracterizados pela dinamicidade e vitalidade.

Já em termos metodológicos, a principal contribuição deste estudo diz respeito à adoção do método de pesquisa inspirado na TFD, o qual tem como objetivo em essência “deixar o campo falar”. Sob a condução de certa “atenção flutuante”, revelou-se significativo lidar com a “agonística” (LATOURETTE, 1994) de ouvir a fala do campo, para somente *a posteriori* formatar um quadro teórico (JACOBS, 2011; BOURDIEU, 2010) que permitisse a análise dos dados obtidos.

Finalmente, em termos práticos, a pesquisa contribui com subsídios para o desenvolvimento de políticas e práticas direcionadas à construção de ambiências organizacionais e urbanas mais favoráveis à diversidade e vitalidade. Ademais, propicia elementos para elaboração de políticas e ações orientadas a um desenvolvimento urbano e organizacional mais participativo e democrático,

respeitando as diversidades e riquezas subjacentes às diferenças.

Quanto às suas limitações, há que se destacar que as escolhas de recorte de uma pesquisa, ao mesmo tempo que fundamentais para se delimitar um problema e permitir foco na investigação, impõem restrições, cuja superação representa oportunidades de desdobramentos da pesquisa. Nesse sentido, na abordagem adotada para este estudo, duas escolhas importantes correspondem, igualmente, a duas consideráveis limitações. A primeira se relaciona ao próprio caráter exploratório do estudo e, nesse sentido, à opção por um método menos ortodoxo de pesquisa, a TFD. A segunda diz respeito à realização de sua parte empírica considerando um caso único, ainda que emblemático, do fenômeno em análise. Seria interessante descrever e comparar o estudo com outros casos, o que se propõe como recomendação para futuras investigações.

Não obstante as limitações, cabe destacar, em vista de confronto entre teoria e dados empíricos, possibilidades de resposta à questão de pesquisa formulada. A partir do conjunto dos dados analisados, evidenciou-se que os diferentes atores sociais envolvidos na dinâmica da Santa Juliana se articulam por meio da mobilização de diferentes capitais culturais, econômicos, simbólicos e espaciais. Da mesma forma, diferentes características de diversidade e vitalidade se veem associadas a distintas formas de mobilização de tais capitais. Em outros termos, agrupamentos de agentes sociais específicos, mobilizando distintos capitais, condicionam e são condicionados por configurações e capitais espaciais igualmente específicos, que resultam em dinâmicas mais ou menos favorecedoras de diversidade e vitalidade.

REFERÊNCIAS

- AGIER, M. *Antropologia da cidade: lugares, situações, movimentos*. São Paulo: Terceiro Tempo, 2011.
- BOLSON, E. *Desenvolvimento econômico da cidade de Sete Lagoas: do "carro de bois" ao "Iveco Stralis"*. Sete Lagoas: Secretaria Municipal de Desenvolvimento Econômico e Turismo de Sete Lagoas, 2011.
- BOURDIEU, P. *Razões práticas: sobre a teoria da ação*. Campinas: Papirus, 1996.
- _____. Espaço social e poder simbólico. In: _____. *Coisas ditas*. São Paulo: Brasiliense, 2004. p. 149-168.
- _____. *A distinção: crítica social do julgamento*. Porto Alegre: Zouk, 2008.
- _____. *O senso prático*. Petrópolis: Vozes, 2009.
- _____. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.
- BRYMAN, A. *Social research methods*. Oxford: Oxford University Press, 2001.
- CASTRO, F. Rua Santa Juliana. In: II ENCONTRO DE ARQUITETURA E URBANISMO UNIFEMM, Sete Lagoas, 2015. *Anais...* Sete Lagoas: Unifemm, 2015.
- CLUBE DOS DIRETORES LOJISTAS DE SETE LAGOAS. *Projeto de revitalização da Santa Juliana: do papel para o canteiro de obras*. Sete Lagoas: [s.n.], 2014a.
- _____. *Rede de comerciantes protegidos da Rua Santa Juliana foi instalada*. Sete Lagoas: [s.n.], 2014b.
- CORDEIRO, G. I. *A rua: espaço, tempo, sociabilidade*. Lisboa: Livros Horizonte, 2008.
- DAMATTA, R. . *A casa e a rua: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil*. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.
- DEY, I. Grounding categories. In: BRYANT, Z.; CHARMAZ, T. A. (Eds.). *The SAGE Handbook of Grounded Theory*. Los Angeles: SAGE Publications, 2007. p. 166-190.
- FLICK, U. *Introdução à pesquisa qualitativa*. Porto Alegre: Artmed, 2009.
- FOUCAULT, M. *O corpo utópico, as heterotopias*. São Paulo: N-1 Edições, 2013.
- GLASER, B. *Theoretical sensitivity: advances in the methodology of Grounded Theory*. Sociology Press: Mill Valley, 1978.
- _____. Basics of Grounded Theory analysis: emergence vs. forcing. Sociology Press: Mill Valley, 1992.
- _____. *Doing Grounded Theory: issues and discussions*. Mill Valley: Sociology Press, 1998.
- GLASER, B.; STRAUSS, A. *The discovery of Grounded Theory: strategies for qualitative research*. New York: Aldine de Gruyter, 1967.
- HARVEY, D. *Condição pós-moderna*. São Paulo: Edições Loyola, 1989.
- INFORMAÇÕES do Brasil. 2014. Disponível em: <<https://goo.gl/KpSs9L>>. Acesso em: 12 out. 2015.
- JACOBS, J. *Morte e vida de grandes cidades*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011.
- _____. *The Economy of cities*. New York: Vintage, 1969.

REFERÊNCIAS

- LATOUR, B. *Jamais fomos modernos: ensaio de antropologia simétrica*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1994.
- LÉVI-STRAUSS, C. *O pensamento selvagem*. São Paulo: Editora Nacional, 1970.
- LINCOLN, Y.; GUBA, E. G. *Naturalistic inquiry*. London: Sage Publications, 1985.
- MINTZBERG, H. *Criando organizações eficazes: estruturas em cinco configurações*. São Paulo: Atlas, 2006.
- SANTOS, M. *Por uma geografia nova: da crítica da geografia a uma geografia crítica*. São Paulo: Edusp, 2012.
- _____. *O espaço dividido: os dois circuitos da economia urbana dos países subdesenvolvidos*. São Paulo: Edusp, 2014.
- SARASVATHY, S. The questions we ask and the questions we care about: Reformulating some problems in entrepreneurship research. *Journal of Business Venturing*, New York, v. 19, n. 5, p. 707-717, 2004.
- SETE LAGOAS (Cidade). Secretaria Municipal de Manutenção e Transporte. *Lei nº 5722, de 25 de novembro de 1998*. Sete Lagoas: [s.n.], 1998.
- _____. *Pedido de Providência 860/2011: limpeza pública na Rua Santa Juliana*. Sete Lagoas: [s.n.], 2012.
- _____. Câmara Municipal. *Audiência pública para discussão de melhorias na Rua Santa Juliana*. Sete Lagoas, 2013.
- _____. Serviço Autônomo de Água e Esgoto de Sete Lagoas. *Obras na rua Santa Juliana: sinalização e comunicado minimizam transtornos*. Sete Lagoas: [s.n.], 2014.
- SINDICATO DO COMÉRCIO DE SETE LAGOAS. *Alterações no trânsito Rua Santa Juliana*. Sete Lagoas, 2012.
- SMITH, N. R. *The entrepreneur and His Firm: The relationship between Type of Man and Type of Company*. East Lansing: Michigan State University, 1967.
- STINCHFIELD, B. T.; NELSON, N. R.; WOOD, M. Entrepreneurial opportunities: Bricolage, Art, Craft, engineering and Brokerage. In: BABSON ENTREPRENEURSHIP RESEARCH CONFERENCE, Lausanne, 2010. *Proceedings...* Lausanne: [s.n.], 2010.
- STRAUSS, A. L. *Qualitative analysis for social scientists*. Cambridge: Cambridge University Press, 1987.
- STRAUSS, A. L.; CORBIN, L. *Basics of grounded theory methods*. Beverly Hills: Sage, 1990.